

## Sobre as práticas tradicionais de cura: subjetividade e objetivação nas propostas terapêuticas contemporâneas.

Emanuele Aparecida Paciencia Gomes<sup>1</sup>, Jéssica Baêta de Azevêdo Carvalho<sup>2</sup>, Raphael Elias Tavares Goes da Silva<sup>3</sup>, Rodrigo Barros Gewehr<sup>4</sup>.

1. Graduada em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL

2. Graduanda em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL \* [jessica\\_baeta2@hotmail.com](mailto:jessica_baeta2@hotmail.com)

3. Graduando em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL

4. Professor do Instituto de Psicologia – UFAL; Orientador do PIBIC

Palavras Chave: *curas tradicionais, subjetividade, paradigma científico.*

### Introdução

As práticas medicinais presentes no Egito e na Grécia Antiga encontravam-se circunscritas por uma atmosfera que estava para além da simples administração de medicamentos, sendo a cura resultado de um processo não somente fisiológico, mas também simbólico. No entanto, com o avanço civilizatório e científico, e a partir da concepção organicista de doença que teve seu ápice na modernidade, os aspectos simbólicos dos processos de cura acabaram por ser desconsiderados pela medicina científica. Este “esquecimento” não ocorreu com a tradição de curandeiros, benzedeiras, rezadeiras, etc., que continuaram a mesclar em suas práticas de cura o uso de princípios ativos e rezas (ou outros expedientes desse gênero) concebendo que o processo saúde-doença está envolto numa dupla natureza, isto é, comporta aspectos físicos e psíquicos. Tendo esse contexto em vista, nossa pesquisa trabalhou com a seguinte hipótese: a objetivação do sujeito doente operada pelas práticas médicas condena a subjetividade a um segundo plano, e representa uma lacuna importante nas propostas terapêuticas do paradigma médico científico. Nosso objetivo diante disto foi o de interrogar o lugar das práticas tradicionais de cura nessa lacuna, e no que tais práticas podem contribuir para o modelo médico, uma vez que a prática do curandeirismo não se atém apenas à administração de medicamentos, mas também é uma atividade complexa e de valor simbólico.

### Resultados e Discussão

Estudamos essa questão através de quatro etapas distintas: a primeira diz respeito à coleta de dados por meio de uma ampla pesquisa bibliográfica norteada por descritores análogos ao tema da pesquisa em bancos de dados virtuais, assim como em bancos de dados físicos. A segunda se refere à organização e categorização dos dados coletados. Foram identificadas quatro categorias: histórico das práticas de cura tradicionais, origens do pensamento médico ocidental, o lugar do sujeito no paradigma médico atual, e a permanência das práticas de cura tradicionais na contemporaneidade. A terceira etapa está relacionada com um estudo aprofundado dos dados coletados através das categorias identificadas. A quarta e última etapa diz respeito à análise de conteúdo, que teve como referencial teórico Laurence Bardin (2009). A partir disso obtivemos duas conclusões fundamentais: I. Embora

a definição do lugar das práticas tradicionais de cura nessa lacuna seja uma tarefa bastante complexa, percebemos que a presença, nessas práticas, de noções como subjetividade, totalidade e integralidade do sujeito enfermo – noções em grande medida negligenciadas pela medicina científica – aparenta preencher parte dessa lacuna. II. As práticas tradicionais de cura contribuem para o paradigma médico científico ao viabilizar a compreensão de que o tratamento de um dos aspectos da doença não consegue cercar a significação que envolve a totalidade do processo de adoecimento.

### Conclusões

Ao longo dessa pesquisa deparamo-nos com o fato de que a História da humanidade foi, e ainda hoje é, atravessada pelas distintas formas de lidar com as modalidades de sofrimento humano, sejam elas psíquicas ou corporais. Seja por meio de rituais que evoquem forças sobrenaturais, ou através de aparatos técnicos e marcadamente empíricos, o Homem tem buscado constantemente lidar com suas formas de sofrimento. No entanto, ainda que o avanço da ciência médica seja evidente em diversos aspectos, tais como o avanço das noções diagnósticas e terapêuticas, a produção medicamentosa – supostamente – cada mais eficiente, etc. a humanidade continua a se defrontar com sentimentos de desamparo diante da experiência do adoecimento. Neste cenário, ao inverter a lógica médica, qual seja, a ênfase no diagnóstico e no tratamento em detrimento de uma terapêutica que conceba o Homem em sua totalidade e integralidade, as práticas de cura tradicionais apresentam um paradigma que está para além dos aspectos materiais da experiência do adoecimento, que enfatiza uma ótica dualista de sujeito e que considera que este processo detém uma dupla natureza: comporta as esferas somáticas e psíquicas.

---

BARDIN L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2009.